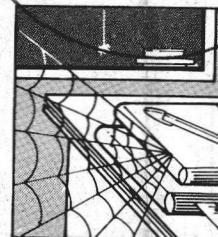


A uma década do século XXI, o Brasil encarna um de seus personagens folclóricos: o "Curupira", aquele índio que tem os pés voltados para trás. O País chega às vésperas de seus 500 anos sem ter se preparado para



o terceiro milênio. A repórter Kátia Perin mostra, na série de reportagens que o JT publica nesta semana, problemas e soluções apontados por especialistas para essa nação que teima em fugir da escola.

Brasil, um país que não faz sua lição de casa.

Se fosse submetido a uma prova para avaliar sua capacidade de desenvolvimento e eficiência, o sistema educacional brasileiro teria, com certeza, uma reprovação escandalosa e sem louvor. Sobretudo, com poucas chances de se recuperar durante uma segunda época a tempo de começar o século XXI entre os alunos mais aplicados no mundo.

Ao contrário, com um histórico de acentuadas desigualdades regionais e deficiências gritantes em quase todos os níveis de ensino, a educação no Brasil caminha hoje em direção ao caos. São 18 milhões — cerca de 18,7% da população com mais de 15 anos — de analfabetos, pessoas não sabem escrever sequer um bilhete na língua portuguesa.

Indice que, segundo estatísticas da Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (Unesco), em 1990, representa 1,9% de todo o analfabetismo mundial. Com um detalhe bastante constrangedor: o Brasil está ao lado da Indonésia, Paquistão e Bangladesh, entre os dez países que juntos arcam com 73% dos analfabetos de todo o planeta. São 68% dos eleitores que não têm sequer o curso primário. E 31% desses mal desenham o nome, o que leva a um quadro de outros 46% de analfabetos funcionais.

E o problema é ainda mais complexo quando os números refletem as desigualdades sociais em cada região do País. No Sul, de cada dez pessoas apenas uma é analfabeto, enquanto no Nordeste mais de 35% — cerca de quatro entre dez — não sabem ler e escrever. "Eliminar o analfabetismo exige que o sistema de ensino seja capaz de reter o aluno na fase de aprendizagem", explica Marisa Elias, professora da pós-graduação em Pedagogia, na Pontifícia Universidade Católica, PUC, de São Paulo. "O mais importante é o período de pós-alfabetação, onde o adulto começa a discernir e assimilar o que aprende".

Em 1989, a evasão escolar no 1º Grau chegou a 80% dos alunos.

Segundo os pedagogos, a instrução mínima, sem permanência do aluno no sistema escolar, leva-o de volta ao analfabetismo, ou pelo menos ao semi-analfabetismo. O que em termos sociais significa a mesma coisa. "Mesmo porque educação não se resume ao cidadão aprender a assinar o nome para votar", explica Marisa. "Muito mais que isso, educar é preparar uma pessoa para a vida, dando-lhe meios de discutir e concluir".

Mas os motivos para uma merecida nota zero para o sistema educacional brasileiro vão muito além. Só este ano, 4 milhões de crianças entre 7 e 14 anos estão fora da escola, dos quais 2,5 milhões nunca a frequentaram e o restante já abandonou definitivamente os estudos. A taxa de evasão escolar no 1º grau chegou, em 1989, a 80% dos alunos matriculados, segundo relatório do Banco Mundial. Crianças que, por problemas sociais como pobreza, distância da escola ou necessidade de trabalhar, abandonam a escola nas primeiras séries.

O índice de evasão é tão grave quanto o de repetência. Uma amostragem do Fundo das Nações Unidas para o Desenvolvimento da Infância e da Educação (Unicef) constata que a repetência no 1º grau cresceu 14% no período de 1979-87. Uma tendência que está sendo mantida até hoje e alarmiza os educadores de todo o País. "O ensino básico é um buraco sem fundo", garante Elba Barreto, pesquisadora na área de Educação da Fundação Carlos Chagas.

"Sem resolver esse fantasma, é inútil tentar qualquer plano de alfabetização."

O passo fundamental para segurar um aluno na escola e mantê-lo interessado junto ao ensino das primeiras séries, segundo Elba Barreto, é a reforma curricular. "A escola brasileira tem um currículo muito exigente", explica. "Nos Estados Unidos a criança tem um prazo de três anos para se alfabetizar. Aqui o sistema público exige um ano.

A chance de um aluno do sertão nordestino, por exemplo, ser aprovado na 1ª série é 0%. Mais absurdo, na opinião da pesquisadora, só mesmo o número de disciplinas ministradas durante o ensino básico. "Onze matérias na 5ª série é uma excrescência. A quantidade de matérias não indica um bom ensino, às vezes pelo contrário".

O problema é cíclico. À medida em que o aluno não se interessa pelo que lhe estão en-

sinando, ele não consegue assimilar. Seu aproveitamento é baixo e o resultado quase sempre é a reprovação. Uma ou duas repetências nas primeiras séries é fator decisivo.

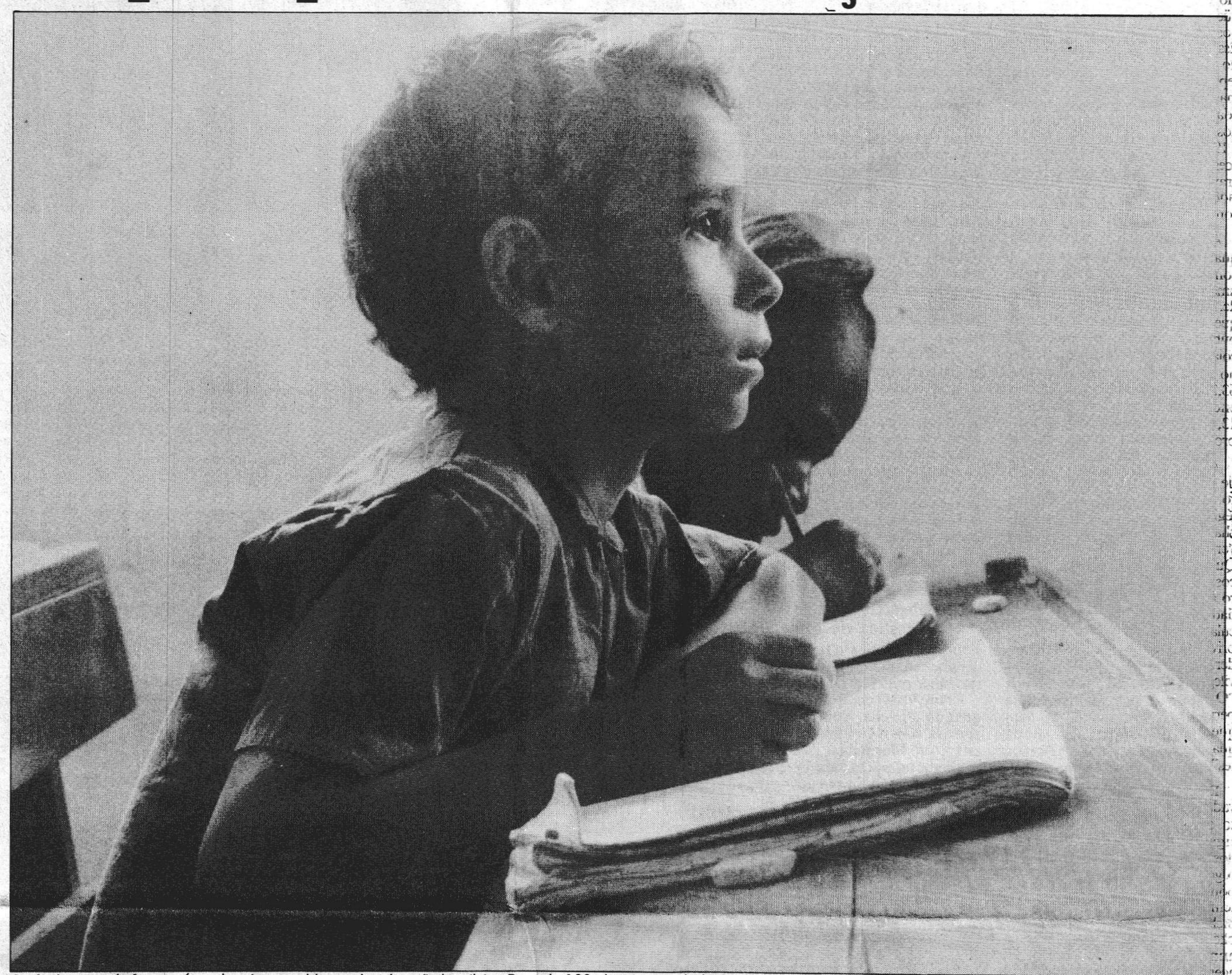
Por desestímulo próprio, da família e dos professores, a criança acaba abandonando a escola. O resultado é assustador: de cada 100 alunos matriculados na primeira série, 50 passam para a segunda e apenas 10 concluem a 8ª série. "A pirâmide no 1º Grau é

muito perversa", analisa Selma Garrido Pimenta, da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, USP. "Esse modelo pedagógico reproduz o fracasso na vida das crianças de classe baixa. A decisão de abandonar a escola é uma sentença de que ela só serve para trabalhar".

Em São Paulo, o "Ciclo Básico" implantado a partir de 1986, transformando as duas primeiras séries num único

periodo de alfabetização, adaptando o estudante, sem a obrigatoriedade de aprovação, conseguiu diminuir o índice de evasão e repetência em 10% desde 1987. "Ainda pouco", garante Selma Garrido.

"O grande desafio é amenizar o afunilamento rumo ao 2º grau. O jovem tem direito de ser apenas estudante. Hoje, o estudo é um esforço, quase heroísmo na vida de muitos adolescentes".



O afunilamento do 1º grau é um dos piores problemas da educação brasileira. De cada 100 alunos matriculados na 1ª série, do 1º grau, 50 passam para a segunda e só 10 concluem a 8ª série.

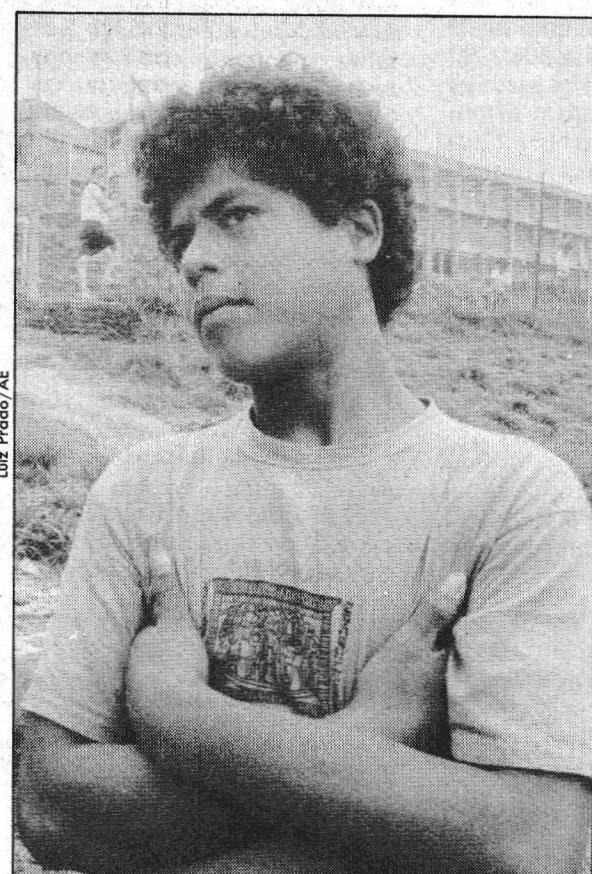


QUAL SERÁ O FUTURO DESSE MENINO?

Não que uma partidinha de futebol com os amigos, ou as novelas da Globo, todas as noites, aborreçam Hélio Gomes da Silva, de 17 anos, mas na verdade ele preferia estar dentro de uma sala de aula, estudando. Só abandonou a escola em junho desse ano, na 7ª série, porque a professora de ciências lhe garantiu que ele não tinha mais chances de passar. "Se já sei que estou reprovado não vou ficar marcando bobeira", simplifica.

Hélio é um exemplo típico de criança que abandona os estudos por desestímulo. Passou por quatro escolas estaduais na região do Jardim Mombáé, em Diadema, na Grande São Paulo, e foi reprovado três vezes na 6ª e 7ª séries. O desânimo em perder o ano pela quarta vez ajudou-o a decidir. "Achei que era melhor só trabalhar".

Desde os 13 anos, Hélio ajudava o pai, o pedreiro Silvério, como servente de obras e estudava à noite. Quando resolveu abandonar a escola, o pai foi contra, pois nenhum de seus seis filhos seguiu com os estudos. Apenas dois foram até a 7ª série e os outros desistiram antes. "Quando a gente começa a repetir muito, não dá mais vontade de estudar", diz. Apesar do desânimo, ele ainda pretende voltar às aulas no próximo ano. "É ruim ficar na rua enquanto os amigos estão na escola", explica. Para realizar seu sonho de criança, tornar-se técnico em mecânica, Hélio sabe que terá de estudar muito. "Se não der, continuo como servente".



Hélio é um exemplo de aluno que abandona a escola por desestímulo. Repetiu três vezes durante o 1º Grau e decidiu que era melhor apenas trabalhar.

Nossas crianças fora da escola

Cerca de 4 milhões de crianças brasileiras em idade escolar nunca assistiram a uma aula e 11 milhões pararam de estudar depois do 1º grau (em%).

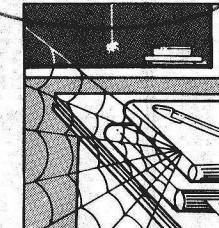
Ano	Crianças entre 7 e 14 anos	Jovens entre 15 e 19 anos
1985	19,1	85,6
1986	19,2	85,3
1987	17,3	84,5

Fonte: MEC



O grande desafio é amenizar o afunilamento rumo ao 2º grau. O jovem tem direito de ser apenas estudante. Hoje, o estudo é um esforço, quase heroísmo na vida de muitos adolescentes".

O fraco ensino básico faz a educação brasileira reviver o paradoxo da cobra que morde a própria cauda: são muito poucos os estudantes que têm acesso ao segundo grau. E, pior, a evasão e a repetência



afunilam mais o caminho à universidade. Esta investe cada vez menos na formação de bons professores e na pesquisa, deixando ainda mais negro o quadro no qual o país deveria aprender a resolver suas lições.

Um sistema que leva nota zero todos os anos

Mais da metade dos 3,16 milhões de alunos de 2º Grau freqüenta o turno da noite e é composta por alunos-trabalhadores. Esse dado do IBGE e do Ministério da Educação e Cultura (MEC) representa um dos graves problemas da educação brasileira: a fragilidade do ensino médio. Em 1989, dos 14,7 milhões de jovens entre 15 e 19 anos, somente 16,3% tiveram acesso ao 2º Grau. E o que é mais grave, de cada 100 alunos matriculados na 1ª série, só 49 chegam a concluir o curso.

A batalha é ainda mais injusta quando se apresentam as armas com que cada um vai lutar por uma tão sonhada vaga na faculdade. O fluxo do ensino médio indica que a repetência e evasão na escola pública é o dobro em relação à escola particular — 24% de abandono e 12,1% de reprovada para 63,2% de aprovação na pública enquanto na particular temos 13,4% de abandono, 6,2% de reprovada e 74,2% de aprovação.

Aqui um dos maiores quadros de contradição no ensino brasileiro. Quem paga (caro) um bom colégio particular tem o dobro de chance de entrar nas melhores universidades, que são as públicas. Quem passa pelos colégios públicos, no entanto, vai pagar (mais caro ainda) por um ensino de qualidade inferior, nas faculdades particulares. "A força do bom colégio privado tem muito a ver com o poder de pressão das classes mais privilegiadas", explica Selma Garrido. "O fato de se pagar pelo ensino permite a cobrança de retorno o que obriga a melhor qualidade de professores".

Dizer que a rede privada é melhor, e por isso deve ser ampliada, significa na opinião dos educadores, isentar o governo de uma responsabilidade que ele tem: "universalizar e melhorar o ensino público". Um desafio que aumenta diante das acentuadas diferenças regionais apresentadas pelo país.

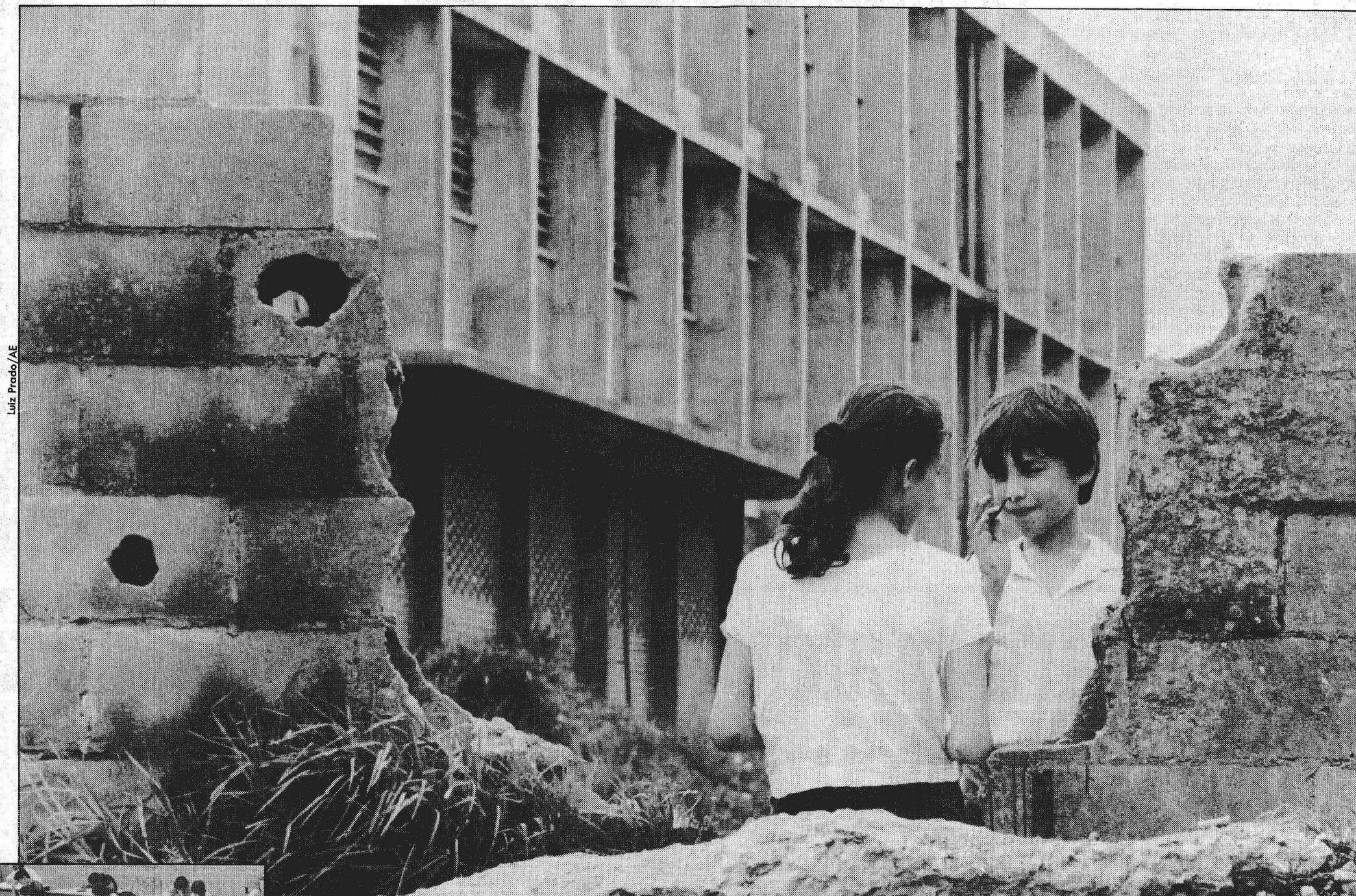
Em seu relatório de 1989, o Banco Mundial detectou que de todas as salas de aula que não contavam sequer com mesa de professor, 34% estavam no Nordeste e 15% nas regiões sul e sudeste. Entre as escolas rurais, que não possuem carteiras em número suficiente para o número de alunos, 47% estavam no Nordeste. Nem os estados da região sudeste, tidos como os mais desenvolvidos, escapam dos escândalos.

Cerca de 7% das vagas em universidades não são preenchidas anualmente

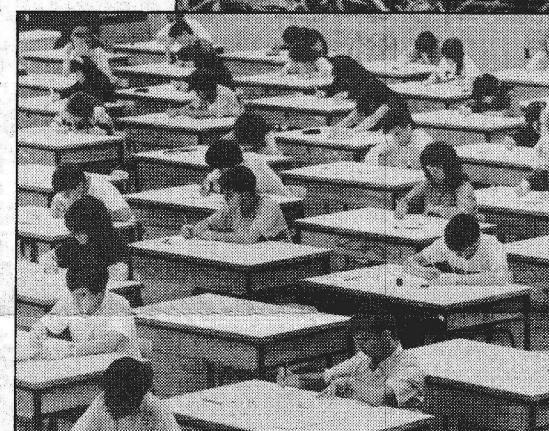
Segundo levantamento do Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo em São Paulo (Apeoesp), 65% das escolas públicas têm problemas com instalações elétricas, encanamentos, muros, portas e muito mais. Faltam 7.964 salas de aula e 500 mil crianças estão fora da instituição. Mais de 1000 estabelecimentos estão funcionando em 4 e até 6 turnos por dia, o que diminui de maneira vergonhosa o tempo de permanência dos alunos em sala.

O desleixo com o patrimônio público espelha o estado de ânimo do 2º Grau no país. "A grande questão hoje é avaliar a função do ensino médio brasileiro", comenta Luiz Otávio Souza Carmo, professor de graduação e pós-graduação na Faculdade de Letras da Universidade de Brasília. "Não está claro se ele existe para pôr o aluno na faculdade ou se deve oferecer uma formação geral sobre os principais aspectos da sociedade brasileira e do mundo".

A distorção do ensino médio brasileiro chegou ao ponto de confundir-se um bom colégio com aquele que mais aprova nos vestibulares. Dessa forma quem arca com piores consequências é o ensino universitário. Obrigado a se expandir de forma desordenada nos últimos 20 anos, quando os estabelecimentos públicos e particulares se multiplicaram pelo país. Hoje o ensino universitário é forçado a conviver com cursos privados de qualidade duvidosa e faculdades "de fim de semana".



O desleixo com o patrimônio público espelha o estado do ensino de 2º Grau. Em São Paulo, 65% das escolas têm problemas de instalação.



Luiz Antonio Costa/AE

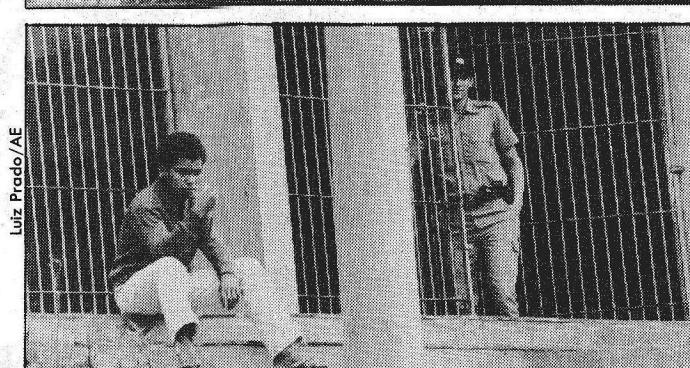
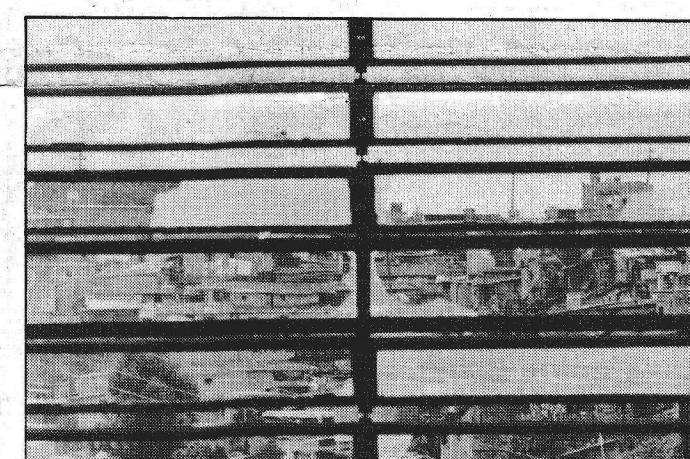
Luiz Prado/AE

UM TRISTE CENÁRIO DE BANG-BANG

Desde que entrou em funcionamento — inicio de 1988 — a Escola Estadual de 1º Grau Prof. Roberto Freire Monte, em Diadema, está mais para um cenário de bang-bang, que para uma verdadeira escola. Longe de ser um lugar organizado e tranquilo para crianças estudarem, o estabelecimento se transformou num local vulnerável a invasões e depredações. Próximo a uma favela na periferia da cidade, ele foi invadido várias vezes, quase sempre para roubo de merenda ou objetos de escritório como mimeógrafos e máquinas de escrever.

Em março desse ano, o carnaval serviu para que professores e alunos tivessem uma bela surpresa na quarta-feira de cinzas. A cozinha havia sido invadida e depredada, janelas e vidros destroçados, carteiras de pernas para o ar. "Ficamos até com medo de continuar as aulas", explica a professora Marcia Montanheri de Moraes. "Esse lugar é péssimo para uma escola".

Assustados com a violência, em março, os professores paralisaram as aulas para exigir a contratação de um policial. "Sem segurança não dava para contin-



Muitas escolas depredadas na periferia de São Paulo, precisam de segurança policial para funcionar. A precariedade dos prédios assusta professores e alunos.



Escola
Frade
Monte
em
Diadema:
roubo de
merenda,
grades
e surpresa
depois
do
carnaval.

"Se o Brasil é um país heterogêneo, é compreensível que o ensino também seja", argumenta Eunice Durham, diretora geral da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). "Conquistamos uma posição de destaque na área de pós-graduação, que não é uma questão de dinheiro, mas principalmente de política. Costumo dizer que se nossos pesquisadores são os ovos de ouro, nós nos preocupamos em cuidar da galinha. Só assim podemos garantir a continuidade da nossa excelência. De uma forma geral toda a educação deveria ser tratada assim".

nuar", garante Marcia. "Era muito comum a gente ouvir barulho de tiroteio durante o período da noite. Depois todo mundo tinha medo de ir embora para casa". Com a presença do policial Roberto Mathias dos Santos, os incidentes diminuíram, mas não pararam. "Chegaram a tirar tijolos da parede para entrar na escola", comenta. "Já arrebentaram até o cadiado do portão principal".

Não há, porém, nada que impeça a ação dos invasores. O muro da escola está derrubado em três pontos principais para a passagem de alunos que vem da favela e não querem dar a volta no quarteirão até onde está o portão principal. "Não adianta construir muro novo porque eles destruem", explica o policial. A única solução, segundo a diretora Dagmar Rodrigues Silveira, é a colaboração da comunidade. "Muitas vezes quem invade nem está interessado em roubar, mas apenas deprender tudo", analisa. "O prédio só tem dois anos mas está com aparência de dez. E o que eles não entendem é que o prejuízo é de todo mundo".